



A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA

Isabella Alvarenga Lobo Frazão¹

Ana Luiza Pereira da Silva²

Lara Fabian Soares de Castro Souza³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar a relevância dos projetos de extensão durante o processo de formação dos estudantes do curso de licenciatura em Filosofia. Com base nisso, pretendemos discorrer sobre a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como um projeto que tem como finalidade desenvolver uma relação entre a educação superior e a educação básica mediante a prática docente. Para tal propósito, tomamos como inspiração as ideias das autoras brasileiras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima, que em sua obra denominada *Estágio e Docência*, discutem o conceito de ação docente. Segundo esse conceito, o trabalho do educador configura-se como uma prática social. Dessa forma, a escola representa o espaço reconhecido por onde é possível intervir na realidade social através da educação. Ademais, para Pimenta e Lima, a atividade em sala de aula deve ser, principalmente, uma colaboração entre a *práxis*, ou seja, teoria e a prática do trabalho do professor em relação ao aprendizado dos estudantes universitários e secundaristas. Diante desse pensamento, observa-se que o PIBID propicia aos estudantes de licenciatura em Filosofia, a oportunidade de estar em espaços que os permitam explorar suas habilidades interpessoais, de forma que possam contribuir para uma educação transformadora no Brasil. Além disso, destacamos a importância do PIBID como uma política pública que contribui para a permanência desses estudantes, incentivando, portanto, a carreira docente. Em síntese, por meio deste trabalho, almejamos defender a continuação e a aprimoração do programa, tendo em vista que, enquanto um projeto de extensão, o PIBID oferece aos estudantes uma formação de qualidade ao integrar a proposta de contribuição da universidade para educação básica, alinhando-se, assim, ao conceito explorado por Pimenta e Lima.

Palavras-chave: projetos de extensão; PIBID; formação de professores; Filosofia.

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda na Universidade de Brasília - Filosofia; Professora de Filosofia SEEDF- isawolf609@gmail.com

² Universidade de Brasília - Filosofia; analuizapereiradasilva05@gmail.com

³ Universidade de Brasília - Filosofia; lara.fabian01234@gmail.com



O contexto educacional brasileiro é marcado por constante mudança, considerando que a sociedade reflete também no ambiente escolar. Nesse sentido, o trabalho do educador constitui-se na prática social que visa transformar a realidade através da educação.

Em razão disso, torna-se necessário pensar a respeito das práticas de ensino de modo que seja possível conectar a educação superior à educação básica por meio de projetos como o PIBID, a fim de preparar os estudantes de licenciatura para os desafios da docência e também fortalecer o compromisso da universidade com a comunidade buscando a qualidade da educação pública.

O PIBID surgiu em 2007, durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como uma iniciativa que visava fomentar o ingresso dos estudantes das diversas licenciaturas e pedagogia na educação básica. Sendo assim, um dos seus objetivos é desenvolver uma relação enriquecedora entre a educação superior e a educação básica mediante a ação docente. Além disso, ele nasce como uma possibilidade para os alunos produzirem conteúdos no âmbito educacional, indo de acordo com um dos pilares do ensino superior: a pesquisa.

O programa também oferece oportunidades para os estudantes frequentarem espaços que os permitam explorar suas habilidades interpessoais de forma que possam contribuir para uma educação de qualidade. Ademais, configura-se como uma política de ensino que auxilia a permanência desses discentes nas universidades a partir da oferta de bolsas realizada pela CAPES, incentivando, portanto, a carreira docente. Dessa forma, o PIBID revela-se como um importante ponto de articulação entre saberes acadêmicos, práticas pedagógicas e pesquisas no campo educacional, promovendo um diálogo proveitoso entre a universidade e a educação básica.

Assim, se entendermos o ensino de filosofia como um problema filosófico em si e, portanto, como uma questão fundamental a ser pensada por estudantes de licenciatura em filosofia, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência se apresenta como um espaço privilegiado para refletirmos sobre práticas pedagógicas alternativas e inovadoras. Logo, comprehende-se que o programa contribui não apenas para a formação qualificada de professores de filosofia, mas também para a construção de uma educação transformadora.





Diante disso, este trabalho tem por objetivo apresentar a importância dos projetos de extensão para a formação de professores de filosofia a partir das ideias das autoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima em sua obra *Estágio e Docência*; do autor Alejandro Cerletti em *O Ensino de Filosofia Como Problema Filosófico*; e dos filósofos Renata Aspis e Silvio Gallo em *Ensinar Filosofia*.

De início, discutiremos o que é filosofia, o problema acerca de seu ensino e o ensinar a filosofar, além da questão de qual seria a melhor didática a ser adotada que abarque ao máximo essas dimensões. Por fim, será explorado o papel da universidade na formação de professores de filosofia, assim como a importância do PIBID como projeto de iniciação à docência por meio da *práxis*.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e surge da nossa inquietação em relação ao ensino de filosofia nas escolas. Por esse motivo, pretendemos discorrer sobre o papel da universidade e de projetos como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a constituição da ação docente do professor de filosofia. Para tal fim, foram utilizados como referencial teórico textos que abordam a prática docente e o ensino de filosofia, bem como as experiências das autoras enquanto participantes do PIBID 2025-2026.

RESULTADO E DISCUSSÕES (PROBLEMA E RESOLUÇÃO DO PROBLEMA)

Durante atividades com bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tivemos acesso a obra “O ensino de filosofia como problema filosófico” (2009) do autor Alejandro Cerletti. Nela, o filósofo comenta que o papel do professor ou especificamente professores de filosofia é não apenas o de ensinar filosofia, mas também ser capaz de desenvolver o lado filosófico dos alunos. Mas, afinal, o que significa ensinar filosofia? Para refletirmos sobre essa questão, é importante considerarmos a origem do termo “filosofia”.

Na antiguidade, em Homero, o termo *filo* era utilizado para designar o prazer ou interesse por uma determinada atividade (Hadot, 1999, p. 37). Por outro lado, houve diversas noções a respeito da palavra *sofia*, sendo uma delas a noção de saber-fazer, ou seja, um saber



prático em diversos âmbitos, como o político, artístico e científico. Assim, filosofia pode ser entendida como prazer ou interesse em saber, ou como os intérpretes modernos preferem, amor pela sabedoria (Hadot, 1999, p. 39).

Com isso em mente, retomamos a pergunta inicial: o que significa ensinar filosofia? De acordo com os filósofos franceses Deleuze e Guattari (2010, p. 8), “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. No entanto, o que são conceitos? Sobre essa questão, Renata Lima Aspis e Silvio Gallo (2009, p. 38-39) comentam:

Tomando-se como premissa que o conceito é fruto da filosofia, Deleuze e Guattari o apresentam como uma forma de exprimir o mundo, o acontecimento. O próprio conceito se faz acontecimento, ao dar destaque, relevância para um determinado aspecto do real. O conceito aparece então como uma forma própria da filosofia de construir compreensões para o real, diferentemente da ciência, que busca encontrar nesse mesmo real as funções que permitam comprehendê-lo. Todo conceito é particular e assinado: cada filósofo, como singularidade, cria seus próprios conceitos em sua relação com o mundo e, com isso, cria seu próprio estilo: uma forma particular de pensar e de escrever

Diante do exposto, comprehende-se que a criação conceitual é um aspecto fundamental do filosofar. Logo, se pensarmos a aula de filosofia como uma oficina de conceitos, podemos considerar que ensinar filosofia significa incentivar a criação conceitual do outro, a fim de estimular sua prática filosófica, a qual consiste em “adotar uma atitude de constante indagação sobre o mundo da vida” (Schutz, Schwengber, 2017, p. 167). A respeito desse processo de criação, Aspis e Gallo (2009, p. 11) ressaltam:

Talvez possamos praticar um ensino que, no mínimo, e talvez isso já seja o suficiente, se conseguirmos, faça os jovens saberem que é possível criar ainda. Que os façam sentir que cada um deles pode ser uma máquina de criação de versões, as suas próprias versões, e saber que a submissão não é a única saída. Isso significa que podemos tentar reativar nos jovens a ideia – e a prática – de que há um poder, o poder da vida, que é de cada um, com o qual se pode criar o mundo. É possível, através de um determinado ensino de filosofia, contribuir para o impulso dos jovens de criarem seu mundo da mesma forma que nós, gerações anteriores, bem ou mal, criaram o nosso.





Nesse contexto, como esse ensino deve ser conduzido? Como é possível estimular nos alunos um sentimento tão profundo, que é o amor pela sabedoria? A filosofia como uma disciplina obrigatória da Educação Básica tem como objetivo o despertar para o senso crítico, entretanto, esse despertar requer uma atitude filosófica tanto do professor, quanto do aluno. Assim, o professor de filosofia tem de assumir uma postura assídua, provocando questionamentos que estimulem o pensamento crítico dos estudantes.

Em razão disso, Aspis e Gallo (2009, p. 19) propõem que os docentes adotem uma didática filosófica “própria e mutante”. Mais do que estabelecer um modelo fixo de ensino, os autores buscam apresentar procedimentos que possam auxiliar os professores em sua prática pedagógica. Dessa forma, o ensino filosófico pode ser orientado pelas seguintes etapas: sensibilização, problematização, investigação e conceituação.

Durante o período de sensibilização, o papel do professor é o de aproximar o aluno do universo filosófico, seja através de uma música, de um filme, ou de outro material relacionado ao tema a ser trabalhado. Para os autores, é ainda mais importante que esse tema seja recorrente na vida dos estudantes, pois isso tende a fazer com que eles fiquem ainda mais interessados. Ademais, torna-se fundamental levar em consideração a realidade dos alunos durante o processo de ensino.

Em seguida, acontece a etapa da problematização. Uma vez que entendemos a aula de filosofia como uma oficina de criação conceitual, não podemos separar os conceitos dos problemas, tendo em vista que, segundo Aspis e Gallo, para Deleuze e Guattari conceitos são criados a partir de problemas sobre um plano de imanência. Portanto, é importante estimular os jovens a formularem questões a serem investigadas.

Logo depois, realiza-se a fase da investigação. Aqui, o professor selecionará textos filosóficos que apresentem diferentes pontos de vista sobre o tema, sempre acompanhado da contextualização histórica. A título de exemplo, caso o tema a ser estudado seja a questão da origem mal, o professor poderá trazer um texto da filósofa Hannah Arendt e, junto a contextualização biográfica e social, trabalhará a visão da autora a respeito do assunto.





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Por fim, após os alunos terem tido contato com a filosofia, acontece a etapa de conceituação, ou seja, o filosofar propriamente dito. Nela, não se espera que alunos do ensino médio façam uma revolução na história do pensamento, mas que sejam capazes de escrever criticamente sobre determinado assunto. Sendo assim, depois de terem passado pelas etapas de sensibilização, problematização e investigação, é preciso ajudá-los a escrever ensaios filosóficos, tendo como objetivo uma catarse na criação de argumentos sobre o problema estudado em relação à experiência de cada um.

Outro aspecto importante a se pensar sobre o ensino de filosofia, é se esse ensino deve ser histórico ou filosófico. De acordo com Aspis e Gallo, para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o ensino centrado exclusivamente na história só contribui para o afastamento dos alunos da própria filosofia e, além disso, criam estudantes relapsos, contribuindo para o desejo de permanência do *status quo* do Estado. Sobre isso, os autores (2009, p. 51) enfatizam:

No contexto de uma educação massificada e voltada para a subjetivação, cujo resultado é a formação do “cidadão passivo”, o ensino de filosofia só pode mesmo ser um ensino de história da filosofia, que apresente de forma condensada os principais sistemas filosóficos, sem se importar em examinar em que medida eles podem ou não apresentar algum sentido para a vida dos jovens. Mas, como mostra o filósofo, tal ensino parece mais afastar da filosofia do que aproximar dela, se a compreendemos como experiência e exercício do pensamento.

Portanto, na medida em que entendemos a filosofia como uma atividade de constante indagação e criação sobre o mundo que nos cerca, compreendemos que um bom ensino de filosofia será, principalmente, filosófico.

No entanto, os autores ressaltam que quem escolhe adotar o ensino filosófico não deve menosprezar a história da filosofia. Aqui, a questão principal é tornar a história algo central do ensino, fazendo com que os estudantes criem desprezo pela área e não pratiquem o filosofar. Contudo, é necessário utilizar a história da filosofia como ferramenta para os alunos pensarem a sua própria experiência. Assim, os autores propõem uma abordagem temática de ensino, ou seja, que apresentam diferentes visões sobre um determinado tema, levando os





alunos a terem contato com o pensamento de filósofos e filósofas para em seguida criar conteúdos filosóficos, no lugar de uma abordagem histórica e vazia.

Considerando todas essas questões a respeito do ensino dessa disciplina, qual o papel da universidade na formação de professores de filosofia? A universidade tem como uma de suas principais tarefas contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, ela representa o espaço privilegiado onde ocorre a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Sua função vai além da mera transmissão de conteúdos; ela deve proporcionar a construção de conhecimentos, habilidades e práticas didáticas para os estudantes de licenciatura. Por isso, torna-se essencial refletir sobre a sua contribuição na formação e no desenvolvimento de futuros docentes. Como destacam Pimenta e Lima (2017, p. 12),

[...] os professores são profissionais essenciais nos processos de mudanças das sociedades. Se forem deixados à margem, as decisões pedagógicas e curriculares alheias, por mais interessantes que possam parecer, não se efetivam, não gerando efeitos sobre o social. Por isso, é preciso investir na formação e no desenvolvimento profissional dos professores.

Dentro desse processo formativo, o conceito de *ação docente* ganha um espaço fundamental. Segundo Pimenta e Lima (2017, p. 29), a *ação docente* ocorre quando o professor age na realidade através da educação. Entretanto, ninguém nasce professor, torna-se professor. Para isso, é necessário aprender maneiras de agir, ter habilidades e didáticas diversas, entre outros aspectos. Nesse sentido, a universidade pode, portanto, ofertar disciplinas de didáticas, metodologias, fundamentos, entre outras, que trabalhem o desenvolvimento dos futuros docentes, levando-os ao estudo teórico e prático. Para as autoras (2017, p. 30),

[...] o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, pôr elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

No entanto, Pimenta e Lima enfatizam que a *ação docente* não acontece na teoria ou na prática isoladamente, mas sim na *práxis*, entendida como a articulação entre ambas.



A partir dessa reflexão, podemos considerar a importância dos projetos de extensão para a formação de professores de filosofia. Neste contexto, destacamos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como um projeto que oferece aos estudantes de licenciatura em filosofia um espaço para integrar teoria e prática de forma crítica e reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, concluímos que, de acordo com Pimenta e Lima, a formação de professores deve acontecer a partir da *práxis*, entendida como a articulação entre teoria e prática. Nesse sentido, os futuros professores de filosofia precisam não só estudar teorias, mas também vivenciar o ambiente escolar para que possam refletir sobre práticas de ensino.

Além disso, segundo Aspis e Gallo, a filosofia é um exercício de constante indagação e criação conceitual sobre o mundo que nos cerca. Dessa forma, a disciplina não pode ser reduzida a um ensino de mera transmissão de história. Logo, os autores defendem a adoção de uma didática filosófica por parte do professor, que ajude o aluno a ser criador dos seus próprios conceitos em relação a sua vivência.

Neste contexto, a universidade possui um papel fundamental na formação crítica desses futuros docentes, precisamente para ajudá-los, através de disciplinas teóricas e práticas, a adquirirem didáticas e metodologias que os auxiliem no ensino de filosofia.

Portanto, o PIBID é uma política pública essencial para viabilizar a formação docente, considerando que ele aproxima a educação superior e a educação básica, incentiva a carreira docente, favorece a *práxis* e, principalmente, oferece espaço para os estudantes envolvidos pensarem sobre práticas de ensino, com o intuito de produzirem conhecimento filosófico e pedagógico, contribuindo, por conseguinte, para uma educação verdadeiramente transformadora.





REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo, SP: Editora 34, 2010.
- GARRIDO PIMENTA, Selma; SOCORRO LUCENA LIMA, Maria. **Estágio e Docência**. São Paulo, SP: Cortez, 2017.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 2004.
- SCHUTZ ALAN, Jenerton; SCHWENGBER LUÍS, Ivan. **Sobre o ensinar e o aprender filosofia**. Vitória, ES: Dossiê Filosofia e Educação, 2017.
- LIMA ASPIS, Renata; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: Um Livro Para Professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. **gov.br**, 2014.

